

José J. Perestrello.

ILUSTRACÃO POPULAR



CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.5000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 20 DE NOVEMBRO DE 1884 NUMERO 21

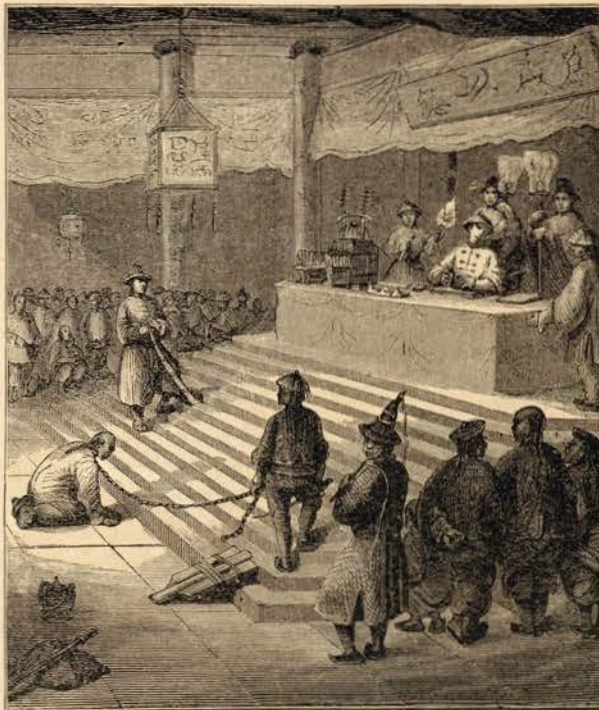
CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO — A morte de um heroe. — Uma noticia triste

OS TELEGRAMMAS do Porto annunciaram a morte do pescador Maio, da Povoia do Varzim, um heroe, que despresou mil vezes a vida para salvar a dos seus semelhantes, sem miras nas recompensas nem nos galardões sociaes.

Nós conhecemol-o, quando elle era ainda um homem valido, musculoso e forte, que manejava um remo com a facilidade, com que os janotas manejam uma *badine*, e tinha sobre os seus companheiros de perigos e de trabalhos o mesmo ascendente, que Napoleão sobre os granadeiros das campanhas de Italia.

Já lá vão alguns annos, e estamos a vê-lo ainda, alto, robusto, imponente, sondando do alto do Paredão, onde vinham quebrar-se as ondas, o firmamento, no qual ás vezes apparecia um pequenino fragmento branco, que mais parecia a aza de uma gaivota e no qual elle advinhava a nuvem precursora da tormenta, que ia levantar aquellas vagas em cerros de espuma, pondo em debanda-



UM TRIBUNAL CHINEZ

da a esquadilha numerosa dos barcos de pesca, que lá longe apanhavam as redes, para trazerem para terra o sustento de muitas familias, o pão de muitas creanças.

E o mar principiava a rugir e a quebrar-se com fragor medonho nas penedias da costa, e á praia acudiam milhares de mulheres afflictas, que pediam a Deus, em altos brados, que trouxesse a salvamento esses barcos, que ora apareciam na crista dos vagalhões, ora se sumiam nos abysmos que elles cavam após si.

E o Maio continuava no seu observatorio, aspirando o fumo do seu cachimbo de barro, sem despregar a vista do oceano, onde elle espreitava as manobras dos valentes pescadores, que se encostavam aos remos para maior ser o impulso, que os seus vigorosissimos braços imprimiam ás frageis embarcações, que rompiam, como setas, as vagas encapelladas. Se o perigo era eminente, então o Maio deixava o seu pouso, descia á praia e gritava: Eia rapazes! Lancha ao mar e remar com força.

Elle ia ao leme e por mais crespa que fosse a marezia ninguem receiava por o pequenino batel, no qual elle ia salvar os que estivessem em perigo.

Quando voltava de ter valido a alguns companheiros e de ter arrancado ás garras da morte alguns pescadores, a multidão abraçava-o e aclamava-o, e elle sorria, sacudindo as mangas da sua jaqueta de baetilha, com a bonhomia de quem se não julgava merecedor d'aquelles applausos.

Era um heroe o tio Maio, como lhe chamavam os poveiros n'esse tempo.

Depois, elle envelheceu e deram-lhe um habito, e a munificencia regia, mais bizarra do que o paiz, estabeleceu-lhe uma pensão diaria, que poz ao abrigo de morrer de fome aquelle que tantas vidas salvara e tantos heroismos praticou.

Os jornaes não deram promenores alguns acerca do funeral d'esse benemerito, que provavelmente foi levado na tumba da misericordia para a vala commum do cemiterio da povoação, onde, d'aqui a alguns mezes, será impossivel discriminar os ossos d'esse bravo, dos de qualquer influente eleitoral, que lá se vá enterrar.

Não comprehendemos o desamor paternal do governo pelos seus filhos benemeritos, e esperamos que ao menos o municipio resgatará a divida contrahida com o velho Maio, mandan-

do erigir-lhe um monumento, que atteste aos vindouros, que estão alli as cinzas do homem, que foi um cidadão humanitario e um heroe.

×

Dizia o *Diario de Noticias*, em um dos seus ultimos numeros, que o sr. D. Antonio Ayres de Gouveia, ultimamente nomeado bispo de Bethesda, se recolhera, em retiro espiritual, ao seminario dos Carvalhos, onde estará encerrado e incommunicavel até ao dia 23, em que será sagrado pelo ex.^{mo} sr. cardeal D. Americo.

Para nós foi uma tristissima noticia, não só porque comprehendemos os rigores d'esse isolamento, como sabemos imaginar as horas de profundissima tristeza, que vão pesar sobre sua eminencia, vendo desfilar, como legiões de remorsos, as recordações dos seus dias de gloria, quando a universidade applaudia o livre pensador, que varria do portico do templo da sciencia moderna a poeira secular das creanças para deixar em plena luz a philosophia da historia, essa lente poderosa, atravez da qual s. ex.^a mostrava aos seus discipulos os crimes dos papas e os erros d'essa egreja, nas aras da qual despedaça agora os idolos d'então e sacrifica as verdades de outr'ora.

Duro castigo é esse: porque ou s. ex.^a chora arrependido sobre os erros passados, ou soffre a humilhação de retractar as suas convicções para satisfazer a vaidade de pôr na cabeça a mitra episcopal.

Em qualquer dos casos devem ser acerados os espinhos da corôa prelatia, cruel o isolamento do seminario dos Carvalhos e duro esse leito de penitencia, onde não esvoaçam os sonhos, porque nas horas de insomnia s. ex.^a assiste á lucta travada entre *Rénan* e *Pio Nono*, entre a razão e a fé, entre a sciencia e o syllabus.

Nós comprehendemos a *apostasia*, quer ella signifique a rebelião do raciocinio contra as imposições do dogma, quer tradúza a revolta da fé contra o predominio da razão; e a uma e outra chamamos apostasia, porque qualquer d'ellas importa a renuncia de um *credo* professado e contra ambas a egreja ou a sciencia decreta as suas penas e impõe as suas excomunhões.

O illustrado bispo de Bethesda apostatou da sciencia, porque reconheceu de certo esses *erros*, que no cadinho do provado talento de s. ex.^a se reduziam a lucidas verdades, e, arrependido das heresias ensinadas, regressou ao lar paterno, depois de ter desbaratado em prodigalidades cathedricas a herança do genio e do talento.

O pae da christandade, menos amavel do que o do evangelho, custou-lhe a perdoar, mas afinal sempre se resolveu a receber o ingrato, não com festas e banquetes, mas com uma tolerancia, que pôde significar a duvida do verdadeiro arrependimento do prodigo.

Nós acreditamos na sinceridade da conversão, mas temos direito a esperar do sabio prelado uma retractação publica dos seus erros, uma demonstração cathegorica da falsidade dos argumentos com que combatia o dogma catholico e uma exposição clara dos motivos, que actuaram na consciencia do novo Agostinho, para renegar as doutrinas, que ainda hontem ensinava, com uma proficiencia assombrosa e com um vigor de phrase e de argumentação, que deixaram gloriosas tradições no primeiro estabelecimento scientifico do paiz.

Queremos um livro, que nos console esta tristeza e nos convença de que a admiração, que tinhamos pelo privilegiado talento de s. ex.^a, nos levou a accetar, como verdades indiscutíveis, os sophismas, que cahiam em torrentes de eloquencia da cadeira, em que se sentava um dos mais conspicuos lentes da Universidade, que no mundo das lettras se chamou Antonio Ayres de Gouvêa.



DESCRIÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa um tribunal chinês, que nada tem de notavel sob o ponto de vista architectonico.

Um muro exterior, tão elevado como o proprio edificio, esconde-o. O pateo da entrada está ladeado de prisões, uns cubiculos gradeados com bambú, onde durante a noite ficam fechados os presos.

Neste pateo, um grande numero de desgraçados, com os membros descarnados, com a face livida e apenas cobertos com alguns immundos farrapos, jaz deitado ao sol. Uns, presos pelo pé com uma corrente soldada a uma enorme pedra, outros mettidos em buracos feitos em grossas taboas, que têm de levar comsigo quando andam, outros finalmente com cangas, eis o espectáculo commovente, que se offerece ao visitante d'estes antros horriveis.

Na China a penalidade é tão brutal como é sabia a jurisprudencia.

Para os legisladores d'aquelle imperio a escala penal compõe-se quasi exclusivamente de

bastonadas, dadas com um bambú mais fino ou mais grosso segundo a gravidade do crime, como se o homem fosse apenas um animal sensivel à dôr physica, sem brio, sem honra, e sem dignidade.

Depois das bastonadas, as penas mais vulgares são a canga, a golilha e a expulsão perpetua para a Tartaria, a qual pena só pôde ser applicada aos mandarins, que commetteram algum crime no exercicio das suas funcções.



A nossa segunda gravura representa um *papa* grego.

Estes *papas*, apesar do qualificativo, não passam de simples padres, iguaes em cathegoria aos *popes* russos.

Os seus habitos talares, de que usam constantemente, são singelos e despretenciosos e dão aos que os trazem um caracter de respeitabilidade em harmonia com a profissão.

Os bispos são mais faustuosos nas suas vestes, o que lhes dá uma exterioridade luxuosa e pouco em harmonia com os instituidores do apostolado, que elles dizem representar.

A igreja grega é uma igreja christã dessidente e que conta um numero consideravel de feis.



A terceira gravura representa uma mulher d'Egina, um d'esses typos accentuadamente correctos e bellos, que só se encontram nas povoações da Grecia.

Mr. Henri Relle no seu magnifico livro — *Voyage en Grece*, — dá-nos minuciosas noticias, não só do caracter, como das fórmas physicas que distinguem os diversos povos d'aquella região, na qual a natureza espalhou a flux os primores do seu poder creador.

Nos povoados ruraes, onde a civilização não chegou ainda, é conservado o traje nacional, tão elegante como distincto, o qual faz realçar a belleza d'esses bellos exemplares, que por lá se deparam aos estrangeiros para escravisar lhes a admiração.

Effectivamente não ha no mundo homens e mulheres tão formosos como os gregos e para o leitor poder apreciar a exactidão da nossa affirmativa, basta attender à pureza de contornos da nossa gravura, feita segundo uma photographia autentica e autenticada.



A nossa quarta gravura representa um theatro na China. Mr. de Possielgue afirma que o

gosto pelas representações dramaticas está muito desenvolvido no Celeste Imperio, mas apesar d'isso não existem theatros permanentes, nem são authorisados em Pekin. O governo, porém, tolera a sua construcção provisoria nas praças das cidades, mas por um tempo limitado e na época das festas publicas. Todavia ha theatros em muitas casas de chá, analogas aos cafés cantantes da Europa e as classes ricas, quando escripturam uma companhia para celebrar qualquer solemnidade de familia, com o fim de se tornarem populares, dão entrada franca ao publico, na parte do edificio reservada ao espectaculo.

As peças representadas, segundo a affirmacão de um outro viajante, Mr. Treves, não passam de uma especie de alegorias, sem merecimento litterario, sem concepção artistica e sem graça.

Para os leitores fazerem ideia do que é uma sala de espectaculos na China offerecemos-lhes o especimen da nossa gravura.

MINIATURAS

O MARQUEZ DE POMBAL

POUcas nações haverá que tenham na sua historia nomes tão distinctos, como Portugal. Entre os muitos, em que a nossa abunda, sobresaê por certo o do marquez de Pombal, o grande reformador, que fez sahir dos velhos e ferrugentos eixos, em que girava e entrar n'outros de prosperidade, a politica, a industria, o commercio, as letras, etc.

O marquez de Pombal, logo no principio da sua carreira diplomatica, revelou o genio de que era dotado, resolvendo a nosso favor uma pendencia de alta importancia com a Inglaterra;

mas só depois de subir ao poder, como ministro da guerra e dos estrangeiros, é que se vio o que aquelle bem organizado cerebro e robusto braço eram capazes de pensar e executar.

Acabando com a inquisição e expulsando os jesuitas, fazendo depois com que Clemente xiv publicasse um *Breve*, em que abolia a Companhia de Jesus, o marquez de Pombal curou duas formidaveis chagas, que minavam Portugal.

Não menos cuidado lhe mereceu a instrucção. Reformou a Universidade de Coimbra, que então se achava n'uma decadencia assustadora e deu-lhe, para se reger, uns estatutos, que foram a admiração de todos os estrangeiros e pelos quaes ainda hoje se rege.

Por occasião do terremoto de Lisboa, em 1755, mais uma vez teve ensejo de mostrar os assombrosos recursos do seu genio privilegiado. N'um momento fez surgir d'um montão de ruinas a florescente cidade baixa. Desenterrou os infelizes, que agonisavam sob os destroços do terremoto. Enterrou os mortos, que eram aos milhares, evitando assim uma epidemia. Preveniu tambem a fome, que se seguiria ao terrivel cataclismo, abrindo os celeiros, desembarcando viveres, que se

achavam a bordo e permittindo a entrada de generos, sem direitos.

Muitos e muitos factos ficam ainda por enumerar, mas o pequeno espaço, consagrado a esta secção, não permite ser mais minucioso.

A recompensa de tantos serviços prestados por Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal e conde de Oeiras, foi receber a demissão de todos os empregos e cargos, que exercia, e ser desterrado para vinte leguas da



PAPA GREGO

côrte. Nasceu em Lisboa a 13 de maio de 1699, e morreu em Pombal a 8 de maio de 1782.

CUSTODIO JOSÉ DA SILVA.

REVISTA DOS THEATROS

OTROVADOR teve um exito notavel, uma execução primorosa e um successo surpreendente, porque affirmou a capacidade artistica das primeiras partes, encarregadas dos principaes papeis d'aquella partitura.

Não seremos nós, os menos competentes com certeza, entre todos os criticos do theatro lyrico, que deixemos de consignar a nossa adhesão ao preito universal, consagrado pela opinião aos bravos artistas; e se pudesse ser accrescentada a gloria de cada um d'elles com a manifestação do nosso enthusiasmo, aqui a deixavamos expressa, porque a souberam conquistar com desusado denodo e com brilhante galhardia.

Os louros mais viçosos, colhidos no desempenho do *Trovador*, pertencem, porém, a Novelli e a Guille, dois órgãos vocaes perfeitissimos, dois cantores admiraveis, duas gargantas privilegiadas e que seriam duas notabilidades artisticas se alliassem a sciencia do canto a sciencia da scena, se soubessem como a Paschoa e Devoyod pizar o palco e fazer uso d'essa difficilima arte, que dá ao actor a intuição verdadeira do papel, que representa, a noção exacta das situações e a comprehensão completa das paixões que devem fingir, se é que os grandes artistas não são dominados por ellas real-

mente. O publico fez uma ovação entusiastica á sempre festejada opera de Verdi, a qual apezar de pertencer á velha escola italiana e de estar fóra das normas da musica moderna e da orientação, que á harmonia está dando a escola allemã, encontra sempre o agrado geral e os applausos do maior numero.

Nós gostamos do *Trovador*, d'aquelles deliciosos gorgeios, d'aquellas combinações de notas que caem no ouvido, deleitando-o, d'aquella

profusão de harmonias que se percebem distintamente e se decoram sem difficuldade, finalmente d'aquella prodigalidade de sons, que o divino maestro espalhou a flux n'aquella opera.

Á empreza cabe aqui o elogio pela acertada escolha, que fez dos artistas e pelo cuidado, que lhe mereceram o *mise-en-scène* e todos os promenores do *ensemble*, que é deveras perfeito e correcto.

Pontechi merece tambem uma menção especial, apezar de lhe caberem por igual os applausos, com que foi saudado o tenor Guille, porque Pontechi foi o mestre do bravo artista, que já recebeu a consagração do seu talento nas ruidosas manifestações de enthusiasmo, com que tem sido saudado no *Trovador*.

×

O Colyseu continua a ter enchentes em cada noite e a companhia Diaz a apresentar novidades em cada espectáculo.

Effectivamente o publico tem rasão na pre-

ferencia que dá áquelles divertimentos, porque além da liberdade, que gosa pelas condições especiaes da casa, sae d'alli alegre e satisfeito porque encontra diversão para os cuidados do dia e



MULHER D'EGINA

um remedio agradável para os aborrecimentos da existencia.

Além d'isso a companhia é excellente e possui artistas notabilissimos e distinctos, sendo os espectaculos bem distribuidos, porque o programma de cada um é escrupulosamente feito e fielmente cumprido.

No volteio apresentou a empreza uma artista admiravel, que executa, com uma agilidade pasmosa, difficilimos trabalhos e entre elles os saltos mortaes, que são na verdade surprehendentes.

Os trabalhos das barras fixas são maravilhosos e, posto que já tivessemos presenciado os dos irmãos Boissets, não deixamos de reconhecer que os artistas que actualmente os executam, apesar de não serem superiores em merito áquelles, sabem comtudo produzir mais effeito, já pela distincção, com que se apresentam, já pela precisão, com que trabalham.

Lembramos á empreza a conveniencia d'apresentar trabalhos de equitação em alta escola, para o que não carece de escripturar artistas, pois o publico contenta-se com vêr, no circo, o empresario, o sr. Enrique Diaz, um elegante cavalleiro, um mestre n'aquella difficil arte e um artista *hors ligne*, como o demonstra sempre que se apresenta em publico.

Como sympathisamos com a empreza pela seriedade, com que ella se esmera em corresponder á sympathia publica, por isso apresentamos aquella ideia e seremos os primeiros a applaudil-a se a virmos realisada.



CARTEIRA UTIL

HYGIENE

PRECEITOS RELATIVOS AO EXERCICIO

UM HOMEM, moço ainda, com tanta intelligencia como talento, que acabava pelas viagens uma educação começada pelo estudo e pelos bons exemplos, encontrou um dia em uma estrada muitas mulheres bonitas, tão distrahidas, que nenhuma d'ellas se apercebeu que eram observadas pelo viajante.

—É admiravel isto, disse elle e, impellido pela curiosidade, aproximou-se de uma e ousou perguntar-lhe o que é que procuravam com tanta attenção.

Isto foi bastante para que as outras se aproximassem e então, cheia de pudor e hesitações a

joven senhora interrogada, respondeu:—Senhor, nós procuramos ha oito dias, sem resultado, n'estes prados, um pequeno animal chamado basilisco.

—E posso eu, senhora, saber qual o fim a que é destinado esse animal com tanto affinco procurado?

—O rei, respondeu ella, está muito doente, o appetite desapareceu-lhe, o tedio consome-o e mina-o uma febre lenta, e o medico que o trata, um clinico celebre, prometteu cural-o logo que elle tomasse um caldo de basilisco; mas como o basilisco é um animal rarissimo, ao que parece, o rei prometteu espozar aquella que...

—Senhora, interrompeu o viajante, o medico tem razão, o basilisco é um remedio efficaç: infelizmente, porém, não existem basiliscos, o ultimo morreu nas minhas mãos, eis aqui a sua pelle, que tenho o prazer de poder offerecer a v. ex.^a A verdade, acrescentou elle, sorrindo com intenção, é que é difficil fazer um caldo com essa pelle secca e mirrada, mas eu vou indicar a maneira de substituir esse resultado. Esta pelle preciosa deve ser bem cosida e depois cheia de uma fina penugem, de maneira que fique com a forma espherica, uma bola solida, que o rei deverá atirar e rolar cem vezes ao dia, de manhã e de tarde, na *sala dos marechaes*, auxiliando-o v. ex.^a n'esse exercicio. Os beneficos resultados cada dia se manifestarão, e em troca d'este pequeno serviço não peço mais que a recordação da boa vontade com que vo-lo presto.

O rei, effectivamente, fez o remedio do viajante e deu-se bem, e quinze dias bastaram para sentir-se completamente restabelecido.

Sua magestade tinha jogado a péla e feito exercicio sem o saber.

É que effectivamente nada ha tão conveniente para a saude como o exercicio. O trabalho desafia o appetite, facilita a digestão e produz um somno calmo e reparador. A ociosidade gera o tedio, o aborrecimento, a insomnia e a fraqueza.

Creado com a robustsz necessaria para arrancar do seio da terra o seu sustento, por meio do trabalho, o homem, em geral, não satisfaz ás imperiosas necessidades da natureza.

E, todavia, tudo em nós parece disposto para o movimento, e cada acto da vida nos obriga á agitação. Para que deixar pois ocioso o unico recurso de que podemos dispôr livremente?

Por felicidade o coração pulsa por si mesmo em cada segundo e de quatro em quatro segun-

dos o pulmão enche-se de ar sem interferencia estranha, porque aliás a nossa preguiçosa vontade, cem vezes ao dia, deixaria apagar essa chama divina que arde dentro em nós. O pendulo admiravel da existencia trabalha por si, e nós nem coragem temos para marcar as horas!

Trabalhae, pois, e vivereis muito tempo sem enfermidades nem soffrimentos. Mas variae os trabalhos, diversificae os exercicios. Não consintaes que fique ocioso nenhum dos vossos orgãos, como não permittis a preguiça a nenhum dos vossos creados: n'estes a ociosidade produziria vicios, n'aquelles doencas.

Cultivae o vosso campo e colhereis a abundancia e a saude: cuidae do vosso jardim e respirareis um ar mais puro, saturado de perfumes naturaes e salubres.

A vida do campo torna o homem melhor, mais bondoso, mais alegre, mais paciente e prende-o ao futuro pela esperanza. A vida do campo inspira gostos simples e torna as virtudes faceis, cicatriza as chagas da ambição e deixa morrer as paixões más, que medram de um modo prodigioso nos centros muito populosos.

IZIDORE BOURDON.

ALBUM

O BARQUEIRO

Sobre o meu throno de vagas
Sou mais que orgulhoso rei
Que impôrta ruja a tormenta?
Nunca ante ella eu vacillei.

É um palacio o meu barco,
Meu reino o mar, patria o ceu,
Sorrio, aqui, vendo a morte,
Não a teme o arrojado meu.

Das bravas ondas domino
O indomito furor,
Quanto mais ellas se elevam
Maior é o meu valor.

O meu leme é o escudo forte
Com o qual as vencerei.
Depois que a tormenta passa
Ellas dizem-me: — és um rei.

Só peço a Deus que conserve
O meu barco-asilo meu.
Sobre estas ondas de prata
Quem é livre como eu?

JENNY.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

— SUA viuva, mylord.
— D. Francisco morreu?
— Tive a desgraça de perdê-lo ha dois annos.

— Perdoe-me v. ex.^a a admiração que sinto e a dôr que lhe causo, avivando essas recordações: mas eu não podia prever um acaso, que me proporciona occasião de apresentar a v. ex.^a os meus respeitos e os meus pezames. Eu ignorei até hoje que o marquez de Sandoval tivesse sido casado.

— Elle não teve tempo, mylord, de participar aos seus amigos da Europa o nosso casamento.

— Porque?

— Porque morreu no mesmo dia, em que casamos.

— No mesmo dia?

— Ao sahir da igreja. Momentos depois de receber-mos a benção nupcial D. Francisco cahiu fulminado por uma apoplexia.

— Que desgosto, meu Deus! disse eu que não podia dissimular o meu espanto.

— Estou a contar-lhe a triste verdade, mylord.

— Effectivamente é uma verdade bem triste, e o coração de v. exc.^a soffreu decerto muito com essa desgraça.

A marqueza não respondeu. Parecia absorvida por sombrias reflexões, que eu attribui ao fatal acontecimento, cuja lembrança acabava de ser despertada.

— Perdoe-me, disse ella, fitando em mim os seus formosos olhos, perdoe-me, mylord, eu estava agora distrahida.

Ella pronunciou essas palavras com um accento estranho e um modo nervoso, que eu não pude explicar.

Eu continuei a conservar-me silencioso vendo-a cahir de novo na sua abstracção, e receiando ser indiscreto fiz um movimento para afastar-me; mas a marqueza levantou-se de repente e, fazendo um visivel esforço para recuperar a sua serenidade, pediu-me o braço para dar um passeio no tombadilho.

— Mylord, disse-me ella, sorrindo: eu trato-o como se v. exc.^a fosse um velho amigo, e deixe-

me prevenil-o de que estou disposta a abusar da sua condescendencia. Ha um mez que viajo só e que me aborreço d'esta solidão e pedia ao acaso que me deparasse uma companhia agradavel e com a qual eu podesse ao menos trocar algumas palavras. Eu respondi a este cumprimento com outro igualmente amavel e gracioso.

A marquesa contou-me então, que regressava da Suecia, aonde a tinham chamado negocios de familia, que ia a Bale, onde devia esperar a seu cunhado D. Paco de Sandoval que, depois da morte do irmão mais velho, tinha tomado o titulo de marquez.

V. ex.ª tambem conhece D. Paco? disse ella.

—Não, minha senhora, respondi eu. Quando estive no Brazil D. Paco estava em França e nunca nos encontramos.

—Ah! disse ella cahindo de novo na sua abstracção.

Até então tínhamos fallado em francez, o qual ella pronunciava com uma pureza e correecção admiraveis.

Eu fiz-lhe notar isso e ella respondeu me:

—Não se admire. Meu pae era brasileiro e eu nasci no Rio de Janeiro, mas minha mãe era franceza e fui educada em Paris. Eu não voltei ao Brazil senão para casar-me e essa união estava, desde muito, tratada entre M. de Sandoval e a minha familia. D. Paco fez uma viagem a França para pedir a minha mão para seu irmão mais velho. —Sir Williams,—acrescentou ella, mudando bruscamente de tom—o sr. acredita que haja gente cuja presença cause desgraças e cuja vista seja impregnada d'esse fluido fatal, a que em Italia se chama mau olhado?

—Mas... eu não sei! respondi eu sobremaneira embaraçado com uma tal pergunta á queima roupa.

(Continúa.)



O THEATRO NA CHINA

PASSATEMPO

CHARADA EM QUADRO

A J. F. SOBRAL.

. Na botica
. Medida
. Cidade
. Nas aves.

ZÉ FUNÉ.

PERGUNTAS ENIGMATICAS

Qual é a povoação portugueza que se vê na eira, e qual a que se vê nos conegos?

ZÉ FUNÉ.

LOGOGRIPO POR LETRAS

A L. Q.

Aqui vêdes uma prancha—3—7—5—7—2
Que serve p'ra fazer pão—3—4—4—4—2—1

Se quizerem decifrar
Appellido encontrarão.

CARMO E SOUSA.

EXPLICAÇÃO DO PASSATEMPO DO NUMERO 19

Logogrifo—*Comadre*.
Charada enigmatica—*Agulha*.
Charadas electricas—*Laias—Saial*.
Problema—*A idade do pae é 40 annos, a do filho 10.*

DO NUMERO 20

Charadas—*Moda—Dialogo*.